

5

Considerações finais

Em Lisboa, - no dia 12 de junho - uma surpresa lamentável os guardava: a policia sanitária exigia dos passageiros da América a quarentena do Lazareto. Evidentemente - escusou-se o governo - a medida não atingia a sua majestade... - E por que não? - irrompeu ele, com um tom imperativo e seco que costumava a dar a suas objeções. A ordem era para todo

Pedro Calmon, referindo-se ao desembarque de Pedro de Alcântara em Lisboa.

Frente a muitas questões citadas, muitos caminhos interpretativos tornaram-se possíveis, comparativamente ao número de conclusões fechadas nesse estudo. Encerro, então, esse trabalho fazendo minhas as palavras de Nestor García Canclini:

Para tratar dessas questões é inadequada a forma do livro que se desenvolve de um princípio a um final. Prefiro a maleabilidade do ensaio, que permite mover-me em vários níveis. Como escreveu Clifford Geertz, o ‘ensaio torna possível explorar em varias direções, retificar o itinerário se algo não caminha bem, sem a necessidade de defender-se durante cem páginas de exposição prévia, como em uma monografia ou em um tratado’. Mas o ensaio científico se diferencia do literário ou filosófico ao basear-se, como nesse caso, em investigações empíricas, ao submeter, na medida do possível, as interpretações a um manejo controlado de dados.¹

Aproveitando-se do ensejo deixado pela reflexão de Canclini reforçarei por meio de três questões referentes à cada capítulo o caráter de inconclusividade desse trabalho, não no sentido de que ele não atinja as questões centrais que propõe, mas que suscita e deixa aberta outras. Em primeiro lugar, penso que as análises sobre a história social e cultural do Brasil nos oitocentos devem - sem nenhum receio de serem entendidas como percepções descontextualizadas - dialogar mais estreitamente com o âmbito de projetos políticos e intelectuais para a construção de uma nova ordem mundial, cujo centro irradiador foi a Europa. Trata-se de uma época em que o destino da Humanidade não mais se encontrava circunscrito nos limites territoriais, seja de uma recente colônia independente, de um império

¹ Nestor García Canclini - op. cit. p. 28-29.

“oriental” ou uma tribo do pacífico. O projeto das potências era global, e a modernidade levada aos quatro cantos do mundo.

Em sociedades culturalmente atreladas ao Velho Mundo, como foi o caso da latino-américa, as mudanças trazidas com a modernidade tiveram de ser negociadas com as tradicionais formas de sociabilidade, que por sua vez também foram constituídas a partir da interação entre o colonizador e o colonizado no alvorecer da construção de impérios coloniais no Novo Mundo. O destaque que penso merecer Pedro de Alcântara nesse momento foi o de ter sido o sintetizador de uma realidade calcada na manutenção de um conservadorismo, que se remete às formas tradicionais de vida e uma nova experiência social assentada em pressupostos da modernidade racionalizadora, que em muito se contradizia com o modo de vida de sua sucessora.

O intelectual moderno é aquele capaz de perceber as deferentes forças envolvidas em um processo social, e tentar dar conta de suas muitas faces, de modo a produzir uma interpretação e uma interação coerentes com tal realidade. Pedro de Alcântara investiu forças materiais e espirituais na transformação de seu país - realizou viagens, criou museus, institutos de pesquisa, expôs o Brasil em feiras no exterior, preparou uma elite intelectual enviando estudantes para a Europa, propôs reformas liberais na política - a fim de preparar sua “nação” para o ingresso no “concerto da humanidade”.

Tomando o sentido conceitual atribuído por Mannheim ao termo **intelectual** podemos afirmar com uma certa tranquilidade que, apesar das diferenças entre as atuações públicas do imperador, que tanto suscitaram confusões e incompreensões entre a intelectualidade brasileira e européia - o que gerou uma interpretação ambígua de sua personalidade, já que ora parecia atuar politicamente de acordo com as atribuições de um monarca, e ora parecia participar ativamente de atividades ligadas à produção de saberes - Pedro de Alcântara foi **antes de tudo**, e **simplesmente um intelectual moderno**. Remetendo-se novamente a interpretação de Mannheim, podemos afirmar que, incorporando todos os atributos dessa *intelligentsia* moderna, as fronteiras entre o intelectual e o monarca se diluem. Essa foi a minha primeira provocação.

A segunda refere-se à dissociação entre Pedro de Alcântara e o contexto de produção cultural realizado pela intelectualidade de sua época. A atitude “livresca” da “juventude bacharelesca” brasileira mascara o desejo de transformações de uma geração, tanto quanto à referência a uma atitude dissimulada frente aos reais interesses que parecem ter movido suas ações intelectuais. O último capítulo nos conduz a pensar o que a reflexão de Pedro de Alcântara em relação ao Egito, e em relação aos demais países que visitou podem nos fornecer elementos que nos ajudem a pensar o modo pelo qual o olhar sobre outras culturas pode ter ajudado o intelectual moderno a construir a imagem e projetos para o Brasil.

A releitura desse personagem histórico representou para mim o questionamento sobre a necessidade de reavaliação não apenas de um personagem da história do Brasil, mas de toda uma era, que foi o império. E sobre ele ainda tem tanto o que se falar. Das instituições que fundou e que ajudou manter, das viagens que realizou pelo mundo e as que realizou pelo interior de seu próprio país, das correspondências com intelectuais e políticos brasileiros e de tantas outras partes do mundo. Leva-nos a refletir, também, sobre o lugar na história e política globais reservado ao Brasil, já que as inúmeras tradições que formaram a sua sociedade, não o enquadram nem no Ocidente, e nem no Oriente, tal como descrito por Said. Nesse sentido, as reflexões de Pedro de Alcântara em suas viagens ao Egito tornam-se emblemáticas.

Nesse estudo que não se finaliza e nem se conclui totalmente, apenas deixa-se ser interrompido abruptamente por questões pragmáticas, será um egípcio de fins do século XIX que irá proferir as últimas palavras sobre um esse intelectual brasileiro:

Se a felicidade dos reis é avaliada pelos juro e prejuízos pessoais, ou se a felicidade é avaliada pelas conseqüências de seus atos, é preciso saber que o Imperador do Brasil faz parte dos reis mais frutados. Com apenas cinco anos de idade seu pai foi obrigado a deixá-lo e nunca mais o viu. Com 15 anos de idade, o imperador já se encontrava em um cargo de responsabilidade frente a um enorme reino, teve que confrontar um outro problema, a Republica do Paraguai que começou uma guerra contra o seu reino onde oito mil soldados morreram e as despesas do governo chegaram a dois milhões de francos. Em seguida o país entrou em pânico por causa da abolição dos escravos. Não demorou muito, o imperador foi forçado a destituir-se de seu reino e deixar o país onde viveu por quase toda a

vida e onde ele empregou todas as suas forças para devolvê-lo. O imperador faleceu no exílio destronado de seu reino.

Mas a felicidade é avaliada pela tranquilidade e pela calma de seu espírito, ou pelos seus atos que podem servir seu povo. então é necessário saber que o imperador e um dos reis mais feliz e mais servidor, pois ele viveu em toda tranquilidade, era consciente que fez seu dever frente a seus concidadãos, porque ele ajudou seu país a tornar-se melhor e ofereceu a seus cidadãos o bem e a felicidade. O nome de seu reino figurara para sempre entre os reinos da terra e permanecera imortal nas páginas da história, o tanto que a virtude possui seus próprios parceiros e o homem seja respeitado.²

² Tradução do artigo “O Imperador do Brasil”, publicado em língua árabe no jornal *Al-Muktaf* (a Seleção), Cairo, Egito, 1 de março de 1892, volume 16, número 6, pp. 266-271. Acervo - Roberto Khatlab. Tradução do árabe para o português: Myriam Rohayem Khatlab. Publicado em: **Brasil-Líbano, amizade que desafia a distância.**